

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.017

AS MÚLTIPLAS FACES DE UM AUTOR: UM EUCLIDES DA CUNHA PARA CADA LEITOR

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

RESUMO

A proposta deste texto é apresentar um panorama biográfico e crítico-literário do escritor Euclides da Cunha, que nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro, em 1866, e morreu em 1909 em um conflito com um militar. Sua curta trajetória foi marcada por aproximações e deslocamentos, especialmente quando assumiu o papel de correspondente do jornal “Estado de São Paulo” para cobrir a Guerra de Canudos, na Bahia. Cinco anos após o conflito, lançou “Os Sertões”, livro que o projetou mundialmente ao discorrer sobre o evento trágico ocorrido em Canudos/Belo Monte entre os anos de 1896 e 1897, que culminou com o massacre total de uma população pobre e desassistida. Euclides ganhou notoriedade, mas também inimigos implacáveis ao denunciar as atrocidades cometidas contra a população canudense. As ideologias republicanas e positivistas do escritor entraram em choque com a realidade encontrada no sertão baiano. Por um lado, o jornalista e ex-militar precisava defender os interesses dos patrões republicanos; por outro, Euclides da Cunha viu suas teorias ruírem diante do quadro de miséria e massacre da população sertaneja. Nesse conflito interno, ele precisou lidar com suas diversas facetas: escritor, botânico, historiador, engenheiro, jornalista, pesquisador, cartógrafo, intelectual e, inclusive, esposo traído pela esposa com um militar. Este texto se fundamenta nas teorias de Michel Foucault, Silviano Santiago e Walter Benjamin no que tange ao discurso sobre autoria, além das contribuições de Walnice Galvão, Léa Dias e José Calasans na pesquisa sobre Euclides da Cunha e “Os Sertões”. Os resultados são: a apresentação da biografia do escritor para além dos manuais didáticos; a construção de um panorama crítico-literário para o fortalecimento da formação

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestra, Escritora de literatura infantojuvenil, administradora do Blog e Canal Toque Poético, mrs.bamorim@yahoo.com.br / [@elisabethamorim6](https://www.instagram.com/elisabethamorim6) / www.toquepoetico.wordpress.com.br

de leitores; e a apresentação do discurso sobre autoria a partir de um Euclides da Cunha multifacetado.

Palavras-chave: Euclides da Cunha, Os sertões, autoria.

INTRODUÇÃO

Ensinar Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Educação Básica, especialmente no último ano do Ensino Médio, é enfrentar grandes desafios. Isso se deve ao fato de que os estudantes estão se preparando para o vestibular, o que intensifica o foco nas discussões sobre os clássicos da literatura. Surgem, então, perguntas sobre os autores: Quem escreveu? Em que circunstâncias? Quais foram as consequências de determinada obra? Entre os autores e obras estudados, destaca-se *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902).

Mesmo após mais de cento e vinte anos de sua publicação, *Os Sertões* continua presente nos currículos, sendo uma obra de escrita múltipla, rigorosa e de difícil compreensão. As eventuais contradições presentes no texto, resultantes de mudanças nas visões políticas e filosóficas do autor, não diminuem sua grandiosidade. Vale destacar que Euclides da Cunha, ao conhecer o sertão baiano, local do massacre contra a população de Canudos/Belo Monte, modificou significativamente suas percepções sobre o sertão e seus habitantes, o que se reflete em sua obra.

Para Galvão (2022) a mudança de Euclides da Cunha é bastante significativa, uma vez que ele veio com opinião formada, à serviço de um jornal paulista, e diante do cenário presenciado se desarmou das convicções defendidas, afinal, ele encontrou um povo trabalhador, forte, corajoso e que estava o tempo inteiro defendendo o próprio espaço que havia sendo invadido por militares.

Tentando elucidar a origem da Guerra de Canudos, Euclides mostra como o advento da República acarreta alterações que perturbam o ânimo dos conselheiristas: novos impostos, separação entre Igreja e Estado, liberdade de culto e instituição do casamento civil, que contradizia frontalmente um sacramento católico. (Galvão, 2022, p. 20)

Euclides da Cunha ao vir à Bahia nos momentos finais da Guerra de Canudos como correspondente do Jornal Estado de São Paulo estava fortemente influenciado pelas concepções deterministas e republicanas defendidas, antes mesmo de pisar no local do conflito. Como a imprensa nacional, tendo como expoente a Bahia, o Rio de Janeiro e São Paulo, criaram colunas “Canudos” nas quais notícias tendenciosas e forjadas eram divulgadas a respeito dos desdobramentos da Guerra de Canudos, os ânimos se acirraram contra a população de Canudos, principalmente depois das derrotas nas três primeiras expedições enviadas para

Canudos. E Euclides enviou várias reportagens para o jornal posicionando-se contraditoriamente em alguns de seus textos sobre questões étnicas da formação do sertanejo, apesar do ponto crucial e polêmico era o olhar para as ações de Antônio Conselheiro, ora um grande líder que entraria para a história do Brasil, ora um fanático de barba comprida e suja.

Segundo Galvão (2022) a mudança de Euclides da Cunha em relação ao povo sertanejo, mais especificamente, moradores de Canudos, ocorreu com maior intensidade quando ele presenciou o interrogatório de um adolescente de 14 anos, vê-lo defender o Antônio Conselheiro sem titubear, causou uma admiração no escritor.

É interessante o olhar do pesquisador Berthold Zilly (2022) acerca de Euclides da Cunha e da sua obra magistral, ao afirmar “Euclides me fez tradutor”, apesar de transitar por caminhos distintos, seja na literatura ou nas demais ciências, Euclides mobiliza vários conhecimentos para discorrer sobre um tema escorregadio e complexo como uma guerra.

Uma guerra apontada como ação arbitrária, desnecessária e hedionda, como um assalto em nome de uma nação “civilizada”, restando para as vítimas a opção de defesa com armas rústicas e improvisadas.

Euclides concebeu seu relato sobre a guerra nos sertões da Bahia como uma espécie de gênese do país todo, uma saga da criação da terra e da gente do Brasil. Não é por acaso que este livro é chamado de “Bíblia da nacionalidade”(…) Por outro lado, se Euclides foi um patriota, também foi um cosmopolita, ao compreender, transnacionalmente, a sua pátria como parte do mundo, de modo que um estrangeiro que lê os seus escritos lê ao mesmo tempo observações sobre o seu mundo, sobre a sua gente e sobre si mesmo. (Zilly, 2022, p. 30)

Talvez a defesa de Zilly (2022) explique por que o livro *Os Sertões* continua sendo tão atual, debatido, criticado e elogiado, comparado até mesmo à “Bíblia”, embora não tenha mais o mesmo peso de outrora. Isso se deve, em parte, às diversas pesquisas que privilegiam as vozes silenciadas durante a Guerra de Canudos. A intensa busca por sobreviventes e seus descendentes deu origem a outros estudiosos que colocam *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em diálogo com outros “sertões”.

Benjamin (1994), ao discutir sobre o narrador, aponta a existência de dois tipos de narradores: o que é local e o que vem de longe. No entanto, ele considera o romance moderno como responsável pelo declínio das narrativas, uma

vez que os textos passaram a estar a serviço da informação. Para Benjamin, é necessário um toque de experiência para ser um bom narrador, ou seja, vivenciar o fato narrado. Nesse sentido, é importante destacar os modos de produção do livro em questão. *Os Sertões* surgiu a partir de inúmeros artigos enviados ao jornal *O Estado de São Paulo*, com o objetivo de informar sobre os desdobramentos da guerra. Durante o tempo que permaneceu na Bahia, Euclides da Cunha conseguiu reavaliar suas convicções e ideologias positivistas, transformando-se em defensor dos povos encurralados, famintos e oprimidos nos sertões baianos. Ele vivenciou os horrores da guerra, e seus registros foram posteriormente convertidos nas páginas do livro.

O objetivo deste texto é apresentar a biografia crítico-literária de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866 -1909), autor do livro *Os Sertões*. Apesar das diversas profissões que exerceu ao longo de sua vida, o foco será, por meio de uma abordagem crítico-cultural, revisar os deslocamentos e aproximações que o levaram às contradições presentes na escrita desse intelectual.

Ao buscarmos as várias faces do autor Euclides da Cunha encontramos novos “Euclides” ausentes nos manuais didáticos, e tal fato faz com que a pesquisa se justifique. Porque é preciso atentar-se ao falar de Euclides da Cunha, qual deles estamos falando? É o jornalista que escreveu que descreveu o sertanejo como “Hércules- quasímodo”? ou é o Euclides que comemorou a chegada dos militares “vitoriosos” da Guerra de Canudos ou o que escreveu “ Como se faz um monstro” ao falar de Antônio Conselheiro?

São vários pesquisadores que se debruçaram sobre os escritos de Euclides da Cunha, durante a 1ª. metade do século XX foi a escrita dominante sobre a questão ocorrida em Canudos. É fato que Euclides percorre com grande competência várias fontes de conhecimento, inclusive fez leitura das fontes de Durval Vieira Aguiar, coronel da Polícia Militar que também se dedicou por muitos anos aos estudos da Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro e moradores da região afetada pela guerra. De tudo os vieses seguidos e perseguidos, há um Euclides para cada leitor, um Euclides intelectual, militar, engenheiro, escritor, jornalista, historiador, pesquisador, narrador, traído, assassinado, entre outras características. Mas passemos para as nossas ações metodológicas utilizadas.

PASSOS METODOLÓGICOS

Quando a dor insultou o Nordeste, ávida,
grassava a miséria das carnes lépidas das massas.
Canudos vazou de raiva,
sacudindo revolta
nos jiraus do sertão.
Ali está Antônio Vicente
o santo Conselheiro
armado com seu terço,
profetizando conselhos divinos
revoltando montes, reivindicando a terra grilada,
quando de preces havia excedentes no céu!
(Enoque José de Oliveira, Canudos (Belo Monte) in: Santtana,
2020)

O padre Enoque, como é conhecido na região de Canudos por ter exercido o sacerdócio durante os anos 1970, em Monte Santo, é o criador e ativista do movimento de resgate da história de Belo Monte, o que originou a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos. Uma Canudos que, conforme o eu-lírico, “vazou de raiva, sacudindo revolta”. No entanto, há uma presença marcante de Antônio Conselheiro, o “santo Conselheiro”, que se arma de terço e rezas em defesa da terra.

Ao falarmos sobre nossos passos metodológicos, fomos levados a revisitar a história para refletir sobre a função social do autor. De um lado, temos Euclides da Cunha, escritor e intelectual mundialmente conhecido por seus relatos sobre a Guerra de Canudos; de outro, Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, líder religioso de Canudos no final do século XIX, considerado “santo Conselheiro” por muitos e “beato fanático e sujo” por outros. Talvez essa dualidade em torno de Conselheiro tenha influenciado Euclides da Cunha, que, ao descrevê-lo, deixou escapar algumas contradições, apesar de conhecer suas prédicas.

Assim, fomos em busca dos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, volume 3, especificamente destinado aos estudantes que estão no último ano da Educação Básica, para saber como as editoras apresentam o Euclides da Cunha. Para atingirmos tal propósito as editoras selecionadas:

Ática(2005, 2011 e 2013), FTD (2005/2013, 2010, 2016), Moderna (2013), Leya (2013) e Saraiva(2013). Desse modo tivemos dez manuais à disposição para investigar nessas fontes como a biografia de Euclides da Cunha aparece.

Léa Dias (2022) aponta Euclides da Cunha como um intelectual em movimento constante de leitura ou de abandono das convicções, sejam elas doutrinárias ou ideológicas sobre um Brasil que temos ou que intencionamos desconstruir. Dias nos apresenta um “Euclides de armas e letras” autor de uma obra híbrida, grande defensor da República, porém não hesitou em mudar de posição ao desiludir-se com ações do governo em nome da República,

A postura do escritor ao longo da sua vida é de alinhamento com o pensamento republicano, embora várias vezes exposto a situações que denunciavam a distância entre o sistema de governo que fora idealizado para o país e aquele efetivamente instaurado. Algum tempo depois de proclamada a República, Euclides confessa ao pai, em correspondência íntima, datada de 14 de junho de 1890 suas decepções com o novo regime. (Dias, 2022, p. 18)

São tantos “Euclides” apresentados, para alguns pesquisadores, além de intelectual há outros adjetivos positivos, contudo o Euclides da Cunha traz uma mancha no currículo por ato de “rebelião” na Escola Militar, no ano de 1888, quando insatisfeito com a falta de promoção, o jovem Euclides, sai de forma durante a revista de tropas pelo Ministro da Guerra e desfaz do sabre. É um Euclides que protesta, inquieta com as injustiças, defende um ideal de República, mas ao vê-lo ruir, muda drasticamente de posicionamento. Um Euclides que aparece sutilmente nos manuais didáticos, isso quando é lembrado, ora como um grande escritor, ora como um esposo traído que morreu em defesa da honra.

Ao analisarmos as discussões acerca do autor, sem dúvida o grande filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) é um dos nomes mais citados nas pesquisas sobre o tema. Desde uma conferência proferida em 1969, intitulada “O que é um autor?” o olhar para o papel social do autor sofreu modificações. Para Foucault, autor é uma posição-sujeito que aparece nas dobras de um texto, sem função universal, entretanto o autor, enquanto nome próprio, pode atrair leitores para o texto ou expulsá-los.

Se os discursos estão em constantes transformações, principalmente na era tecnológica, conseqüentemente o autor, enquanto função-sujeito do discurso é também afetado com as mudanças. Foucault (1992) deixa claro que o autor, sujeito que escreve o texto, não pode ser negado, no entanto, o autor

é mais que um elemento do texto, ele exerce múltiplas funções dentro do discurso, e quando se trata do discurso literário há uma necessidade de buscar o nome do autor,

...os discursos 'literários' já não podem ser recebidos se não forem dotados da função autor: perguntar-se-á a qualquer texto de poesia ou ficção de onde é que veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe conferimos, o estatuto ou o valor que lhe reconhecermos dependem da forma como respondermos a estas questões. E se, na sequência de um acidente ou da vontade explícita do autor, um texto nos chega anônimo, imediatamente se inicia o jogo de encontrar o autor. (Foucault, 1992, p. 49)

Aproximando-nos da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha([1902], 2018) é evidente a profunda influência que o autor exerceu sobre diversos escritores e artistas ao longo do tempo. Mesmo diante de aparentes contradições, suas reflexões e escritos, por mais de meio século, nortearam pesquisas sobre o Sertão, Canudos, Antônio Conselheiro e os sertanejos. A obra euclidiana se consolidou como um clássico da literatura brasileira. Embora Euclides, provavelmente, tenha consultado as mesmas fontes utilizadas por Afonso Arinos ([1898], 1985) e até transcrito trechos que aparecem em *Os jagunços* de Arinos, sem reconhecer explicitamente o autor como fonte original, *Os Sertões* continua a ser um marco nas discussões acadêmicas. Seja alvo de críticas ou elogios, Euclides da Cunha, como sujeito e autor, permanece uma referência incontornável.

Sem dúvida, a escrita inteligente e sensível de Euclides da Cunha, apesar do caráter científico, retrata o cenário nordestino como um espaço de lutas e resistências. Nele, o poder tenta dizimar uma população inteira na tentativa de silenciá-la, enquanto os dominados, com poucos recursos, não se rendem. Eles não aceitam a expulsão da terra nem o autoritarismo do exército fortemente armado. Preferem a morte a se renderem ao sistema sociopolítico brasileiro.

Lembrando que a chegada do intelectual Euclides da Cunha à Bahia, no início de agosto de 1897, foi destaque nos jornais locais, já que o "moço engenheiro" ocupava o cargo de colaborador de um renomado jornal paulista, além de integrar a comitiva do Ministro da Guerra. Devido à sua posição como tenente reformado do Exército, a publicação de *Os Sertões*, cinco anos após o fim da tragédia de Canudos, causou grande impacto. Afonso Arinos, por sua vez, já havia se posicionado bem antes de Euclides da Cunha, trabalhando em um jornal monarquista e defendendo convicções monarquistas.

Sem dúvida, há um Euclides para cada leitor. Devido à multiplicidade e complexidade desse sujeito tão multifacetado e, por vezes, escorregadio, muitos manuais didáticos optam pelo silenciamento, deixando de apresentar a história desse intelectual brasileiro, que ainda tem muito a nos ensinar nos dias atuais.

Já nos primeiros anos do novo regime, desiludido com a República, para qual tanto lutou, Euclides saiu das linhas de defesa para as de ataque, guiando-se como sempre pela bússola da moral. Sua ética de trabalho era um exemplo a ser seguido num meio em que os empregos se arrumavam a poder de favores, e trabalho, para os de colarinho branco, era concebido como uma abstração. Na sua engenharia fatigante e incansável dedicação às letras, Euclides era modelar em rejeitar esses regalos, no acreditar e respeitar as regras e as leis, nunca deixando de defender os abandonados. (Bernucci, Leopoldo, 2021, apud Dias, 2021, p.13).

Leopoldo Bernucci, na sua apresentação do livro de Dias, intitulada “Euclides de Armas e Letras”, foi preciso ao revelar um lado do escritor geralmente oculto nos manuais didáticos. Um Euclides pronto para atacar, mas também disposto a defender os desamparados. Um Euclides que avança com vigor, mas recua quando necessário, sem jamais perder a classe nem a ética.

Por fim, transcrevamos como Euclides da Cunha descreveu Antônio Conselheiro na segunda parte de *Os Sertões*, intitulada “O Homem”, que é precedida por “A Terra” e seguida por “A Luta”. Vale ressaltar que tudo o que Euclides sabia sobre Antônio Conselheiro provinha de boatos. E os boatos circulam, negando ou confirmando a identidade de alguém conforme as conveniências. Para o pobre oprimido e sem teto que via em Antônio Conselheiro uma possível melhora de condição, o beato era, automaticamente, um santo. No entanto, para aqueles que se incomodavam com a falta de mão de obra barata ou com a ausência de dízimos nas igrejas, o responsável pela desordem era visto como um “ser diabólico”.

...E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa, face escaveirada; olhar fulgurante, monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos...

(...) No seio de uma sociedade primitiva, que pelas qualidades étnicas e influxo das santas missões malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso

rodeou-se logo de não vulgar prestígio agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante. (Cunha, 2018, p. 124)

É claro que o “não vulgar prestígio” do “anacoreta” é mais um equívoco. Mais adiante, o próprio autor expressa algo diferente sem desfazer o que foi dito, mencionando o crescimento estrondoso de Antônio Conselheiro, que o imortalizou na história. Afinal, reunir aproximadamente 20 mil pessoas em um só lugar revela o imenso prestígio desse líder religioso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há muito a crítica vem destacando diálogos entre *Os sertões* e outros textos.

(Dias, 2021, p.187)

Não há como negar a influência de Euclides da Cunha sobre uma considerável quantidade de produções artísticas de autores surgidos após a repercussão de sua obra. A publicação de *Os Sertões* elevou-o a um patamar que, talvez, ele não teria alcançado com a mesma rapidez, e no ano seguinte à publicação, Euclides da Cunha assumiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Se o jornalista e intelectual já possuía um prestígio significativo, após o sucesso de sua obra, esse prestígio expandiu-se para além das fronteiras do Brasil.

Com isso, os diálogos estabelecidos com *O Jagunço*, de Afonso Arinos (1898), tornaram-se menos relevantes diante da grandiosidade de sua obra engajada. Provavelmente, tais diálogos resultaram das fontes que ambos os autores utilizaram durante o processo de escrita, já que a caderneta de viagem de Euclides da Cunha, na qual ele rabiscava impressões, entrevistas e diálogos, foi uma ferramenta indispensável para seu trabalho.

Quando Euclides da Cunha percebe que a resistência dos últimos combatentes estava prestes a ser derrotada, ele descreve o desfecho da guerra de maneira impressionante. Em suas palavras:

Sabia-se de uma coisa única: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados haviam se abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível: uma cava quadrangular de pouco mais de metro fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham-se a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo de “Hospital de sangue” dos jagunços. Era

um túmulo. De feito, lá estavam, em maior número, os mortos, alguns de muitos dias, já enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação e formando o quadrado assombroso dentro do qual uma dúzia de moribundos, vidas concentradas na última contração dos dedos nos gatilhos das espingardas combatiam contra um exército.

(Euclides da Cunha, 2018, p.449)

Poucos “jagunços”, como ele mesmo descreve, enfrentavam um exército. Algumas espingardas velhas contra canhões. Um grupo de pessoas isoladas em seus próprios casebres, famintas e sedentas, resistia contra uma nação ávida por notícias e ansiosa pelo fim do conflito, o fim de Belo Monte. Muitos desejavam a cabeça de Antônio Conselheiro, seja para estudos em busca de alguma anomalia, seja para enfraquecer a resistência dos sertanejos. Talvez acreditassem que, com a morte do líder, os seguidores se renderiam. Engano. O líder já havia morrido há dias, mas, mesmo assim, os conselheiristas continuaram a defender seus casebres e suas terras. Uma luta desigual, pois era evidente que o massacre estava próximo, como de fato ocorreu em 5 de outubro de 1897.

Euclides da Cunha descreve vividamente o cenário da guerra quando o fim se aproximava. Ele menciona que, ao lado da igreja, quase duas dúzias de sertanejos, sedentos e famintos, lutavam, escondendo-se entre os corpos humanos que ali apodreciam. Essa descrição oferece uma visão impactante dos horrores e das dificuldades enfrentadas durante o conflito em Canudos. Afinal, quem era Euclides da Cunha?

Figura 1: Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha



Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - Manual didático da FTD, 2013

Uma das imagens bem presentes nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, volume 3, especificamente para estudantes do último ano de Ensino Médio, é o registro fotográfico de Euclides da Cunha, juntamente com uma minibiografia. Sendo alguns registros curiosos, como o que consta no livro *Novas Palavras*, de Emília Amaral et al. pela Editora FTD, São Paulo, na sua segunda edição em 2013. Vamos conferir?

Nascido no município de Cantagalo, Rio de Janeiro, Euclides da Cunha era engenheiro civil e bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. De formação positivista e determinista, sempre gostou de escrever, tornando-se jornalista e depois escritor.

Em 1897, passou por um episódio decisivo para a literatura brasileira: trabalhando no jornal A Província de São Paulo (o atual O Estado de São Paulo), foi enviado como correspondente para o interior da Bahia, na região de Canudos, onde supostamente estaria havendo um levante monárquico.

Lá, ao acompanhar os episódios finais da Chamada Campanha de Canudos, foi testemunha de um massacre, resultante do encontro de duas sociedades, que mutuamente se ignoravam: o litoral civilizado, europeizado, e o sertão inculto, bárbaro.

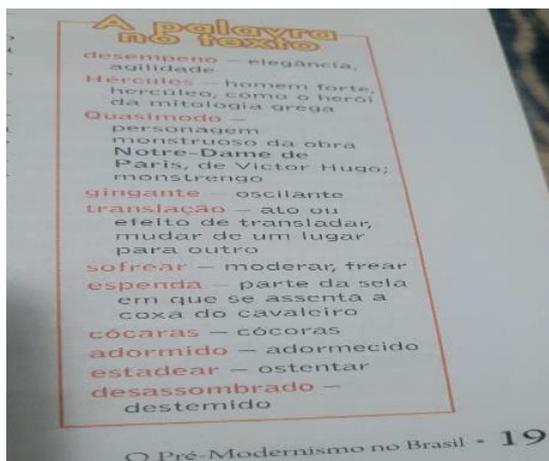
A constatação da existência de “dois Brasis” e de forma criminosa com que se confrontaram nessa campanha levou o jornalista idealizar *Os sertões*, obra que denuncia contradições nacionais ainda não superadas e que manifesta um profundo sentimento patriótico.

Eleito como membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Euclides da Cunha trabalhou no gabinete do barão do Rio Branco, de quem foi grande amigo. Em 1909, pouco depois de nomeado professor de Lógica do Colégio D. Pedro II, foi assassinado por Dilermando de Assis, amante de sua esposa, dona Ana Sólton da Cunha. (Amaral, Emília et al, 2013, p.15)

Nossa questão é: será relevante para o adolescente discutir a traição da esposa de Euclides da Cunha? Até que ponto saber, através dos manuais didáticos, que Euclides foi assassinado pelo amante de sua esposa ajudará o jovem estudante a melhorar sua escrita e leitura? Enquanto a minibiografia se prende à vida íntima (que deveria ser privada) do escritor, o fragmento de *Os Sertões* permanece girando em torno de vocabulário, e o líder religioso de Canudos, personagem central da terceira parte do livro, é apresentado de maneira caricatural.

É completamente dispensável abordar a traição da esposa do escritor para o público ao qual o livro se destina, uma vez que o objetivo do texto biográfico não é expor a vida pessoal do autor. A breve biografia do autor está bem estruturada, acompanhada da foto com a legenda, imagem 01, porém os detalhes pessoais não se alinham com o público-alvo do livro.

Figura 02 : Estudo de vocabulário em *Os sertões*



Fonte: Livro *Novas palavras*, v. 3, Editora FTD, 2013

Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, do manual *Novas Palavras*, da Editora FTD (2013), para a abordagem do livro de Euclides da Cunha. Ao apresentar um fragmento de *Os sertões*, no box “A Palavra no Texto”, conforme a figura 02, fica evidente a intenção de focar na análise vocabular. O manual não dialoga com outras linguagens nem faz indicações de leitura através de links, mas propõe um debate sobre “dois Brasis” como um problema real e atual. Nessa proposta, os autores sugerem que os estudantes busquem na internet filmes, documentários, fotos e textos relacionados. Como não há indicações específicas, os estudantes mais curiosos poderão explorar linhas de estudo que acharem convenientes.

Outra curiosidade que encontramos nos manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, v. 3, é a omissão de informações. Essa ausência nos leva a fazer algumas inferências. Um exemplo disso é o manual *Língua Portuguesa: Linguagem e Interação*, de Carlos Emílio Faraco et al., Editora Ática, 2013, no qual o Pré-Modernismo não é abordado. Conseqüentemente, autores como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Augusto dos Anjos e Lima Barreto, escritores desse período do início do século XX, não são mencionados. Por que

não falar de Euclides da Cunha? Mesmo depois de mais de um século, a tragédia de Canudos e obra referência permanece relevante, ainda que ausente em alguns manuais didáticos.

Dias (2021) fala da grandeza de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, a ponto de expandir para outras manifestações artísticas. E como exemplo ela fala sobre as fotografias de Flávio de Barros que Euclides da Cunha utilizou no seu livro. Isso para a pesquisadora Léa Dias proporcionou a imortalização também dessas imagens e artista. Eis mais uma face do autor!

Três fotografias de Flávio de Barros estão inclusas em *Os sertões*. Desse modo, a cada vez que se acessa Canudos através do discurso de Euclides da Cunha, também acessa o fotógrafo, imortalizado nas fotografias, e se motiva o acesso às demais imagens, que modo que se torna difícil precisar se gozariam da mesma repercussão nos dias atuais não fosse a potência seminal de *Os sertões*. (Dias, 2021, p.268)

Euclides da Cunha trilhou pela ética e verdade, tal trajetória impecável não houve dúvida da sua escrita. E mesmo quando surgiu um dado novo sobre a sua trajetória, estudiosos se debruçam para apurá-lo. Como exemplo, podemos citar que em sua obra ele faz referência positiva ao “soldado alourado”, logo foi deduzido que seria o Siqueira de Menezes, devido as características registradas pelo autor. No entanto, conforme Calasans quando Gilberto Amado tenta arrancar alguma confissão de Siqueira Menezes sobre a homenagem recebida em *Os sertões*, ele nega, e vai além ao afirmar que Euclides da Cunha jamais pisou em Canudos, tudo escrito não passou da imaginação fértil do escritor. Nas palavras de José Calasans Brandão da Silva(2015):

Teria mesmo Siqueira de Menezes declarado que Euclides da Cunha nunca esteve em Canudos? A afirmação é de tal forma inconsistente que temos o direito de repetir a pergunta. Ninguém, até hoje, levantou a mais leve suspeita a respeito da presença de Euclides da Cunha na zona de operações de Canudos, donde ele remeteu para o Estado de São Paulo, crônicas datadas de 12, 24, 26, 27, 28 e 29 de setembro e 1º de outubro. (Silva, 2015, p.254)

É claro, Calasans da Silva não acreditou nesta versão de Gilberto Amado, mas achou que houve algum lapso da memória, porque esta informação só foi revelada há mais quarenta anos. O próprio Calasans fala devido o prestígio de

Euclides da Cunha, homem influente em diversos setores, ele não cometeria a leviandade de datar artigos, citar nomes, lugar onde ele não estaria. E se assim o fosse, por que os envolvidos não pediram uma retração? E mais, Euclides da Cunha andava com sua caderneta de notas, atualmente ela encontra-se arquivada no Instituto Histórico Brasileiro, caso ele não tivesse ido a Canudos, as próprias anotações datadas não existiriam. Essa tentativa de enquadrá-lo como farsante, não serviu para ele.

As tentativas de apagamento de Euclides da Cunha fracassaram. Por mais de meio século, seu livro foi a principal referência para se conhecer os relatos da guerra. Mesmo com as diversas produções que surgiram depois, ele continua sendo um dos grandes nomes da literatura clássica, apesar de sua obra transitar por diferentes áreas do conhecimento.

Relembrando as contribuições de Walter Benjamin (1994), que afirmou que o bom narrador está em extinção por não vivenciar os fatos narrados, Silviano Santiago(2002) rebate esse argumento, destacando a capacidade do narrador pós-moderno de narrar com precisão, mesmo sem estar presente nos acontecimentos. Caso Euclides da Cunha não tivesse realmente ido a Canudos, como sugeriu Gilberto Amado, ele ainda ocuparia o lugar de um excelente narrador. Suas narrativas sobre a Guerra de Canudos não se perderam com o tempo. E aqui estamos nós, explorando as diversas facetas desse autor tão completo e, ao mesmo tempo, contraditório. Mesmo com convicções positivistas definidas, ele não hesitou em recuar alguns passos e colocar os ideais republicanos na balança — e não gostou do que viu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos nesta grande colcha de retalhos como metáfora do livro *Os sertões* de Euclides da Cunha, presente nos manuais didáticos, vemos o tecer com e entre diversas linhas, contracenando com os pequenos retalhos fotográficos, cinematográficos, pintados ou caricaturados. Falar sobre *Os sertões* é trazer à tona não apenas o cinema ou a fotografia, mas diferentes signos marcados por diversas manifestações artísticas.

Sem a intenção de repetir o que já foi dito, é importante destacar que as primeiras linhas apresentadas pelo intelectual Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha carregavam decalques republicanos e positivistas. No entanto, a mudança (ou tentativa) de perspectiva não foi algo instantâneo, mas sim um processo que

se manifestou desde cedo, quando era cadete. Ele não concordava com critérios de apadrinhamento para promoção e se rebelou diante de uma revista oficial. Esses eventos foram indícios do caminho que viria a trilhar, marcado por uma postura crítica e um desejo por justiça e verdade.

Mais adiante, um novo tecer com linhas que se embarçam, porém não se rompem. Ao se deslocar de São Paulo para Bahia com intuito de cobrir uma guerra, vista no Sudeste do País como um ato de rebeldia dos sertanejos baianos e ameaça ao sistema republicano. Contrariando as expectativas dos editores, Euclides da Cunha, apesar de afirmar que não tomou posição contrária aos governantes, o livro publicado cai por terra a tentativa de neutralidade.

Para Souza (2004), o episódio de Canudos marcou a humanidade e desde então criou-se uma poética histórica com a multiplicidade de textos surgidos, oriundos de abordagens reais ou ficcionais. Todavia, os textos que chegam aos estudantes do Ensino Médio, através dos manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, trazem narrativas entrecortadas, geralmente fragmentos do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, ilustrados por caricaturas de Antônio Conselheiro.

Devido às caricaturas apresentadas, o imaginário criado acerca de Antônio Conselheiro é fortalecido e propagado até mesmo nas produções estudantis. Os artigos de opinião nos manuais didáticos são pouco explorados, muitas vezes passando despercebidos num canto da página, o que contribui para a não exploração do texto.

Os rumores disseminados sobre Canudos e a população seguidora de Antônio Conselheiro se espalharam pelo mundo, inicialmente através dos jornais da época da Guerra de Canudos. No entanto, com o avanço das tecnologias, mais pessoas se levantaram para homenagear Antônio Conselheiro e seus seguidores. Uma quantidade considerável de cordéis, poesias, músicas, pinturas, esculturas, caricaturas e outras formas de arte que remetem ao contexto da Guerra de Canudos e suas consequências circulam nos espaços virtuais, confirmando algo já dito por Euclides: “Canudos não se rendeu.”

A intenção era ter um autor para cada leitor, mas nem tudo sai como planejado. Quanto mais seguia as múltiplas faces do autor, mais encontrava “Euclides” muito diferente do Euclides da Cunha pintado nos manuais didáticos. Daí surgiu a necessidade de primeiro bordar o sujeito-autor para termos uma resposta a um questionamento antigo vindo de Foucault, Barthes, Benjamin, Santiago, entre outros: quem é o autor?

Talvez, entre os diversos argumentos para essa questão, quem nos oferece uma resposta bastante significativa tanto para o livro *Os sertões* como para o autor, encontramos em Veríssimo(2003) que diz:

O livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d’alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as ‘secas’ que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos. (Veríssimo, 2003, p. 46)

Após essa constatação de Veríssimo sobre Euclides da Cunha, colocando-o em três posições privilegiadas: como homem da ciência, do pensamento e do sentimento, o que nos resta dizer sobre autor de *Os sertões*? Ele foi capaz de integrar, com maestria, na sua obra, diversos campos do conhecimento — científico, filosófico e artístico. Isso explica por que continua sendo insuperável, apesar das críticas que possa receber.

Por fim, a cada ausência de página para não discutir o massacre ocorrido em Canudos, um *link* abria janelas para um mundo de Sertões em caricaturas, pinturas, desenhos, cordéis, esculturas, canções, poesias, romances, ensaios, artigos, entre os fios das redes. E nestas buscas os vários “Euclides” se cruzam entre um manual didático ou outro, às vezes, se complementam, o multifacetado, irreverente e inigualável Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elisabeth Silva de Almeida. *Os sertões, de Euclides da Cunha na Educação Básica: entre as letras e os pinceis. E-book VIII CONEDU – Edição Online* – disponível : https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2022/GT17/TRABALHO_COMPLETO_EV174_M D5_ID8499_TB1846_16082022232923.pdf acesso; 20 /03/2024

AMORIM, Elisabeth Silva De Almeida. *Antônio conselheiro nos manuais didáticos: caricatura de um líder*. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize

Editora, 2022. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90477>>. Acesso em: 16/04/2024 16:00

ARINOS, Afonso. *Os jagunços*. Novela. 3 ed. Rio de Janeiro: Philobiblion. [1898],1985.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*, pronunciada em 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Lorangeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensino sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DIAS, Léa Costa Santana. *Euclides da Cunha em terras baianas e amazônicas: impressões de um viajante sobre sertões brasileiros e outros espaços*. Salvador: Edufba, 2021. 361p.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 1ed. Barueri - SP: Ciranda Cultural,[1902] 2018.

FOUCAULT, Michel. *O que é o autor?* In: Foucault, Michel. *O que é o autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992. p. 29-87

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Os sertões, um olhar sobre seus 120 anos*. In: *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras/UNEB, 2011-. il. 27,7 cm. v.12, n.2., jul.-dez. 2022. P. 17-27.*

SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 38-52.

SANTTANA, Ivan. *Escritas sertanejas*, org. Ivan Santtana Cardoso. Fátima, BA: Editora Ritus, 2020.

SILVA, José Calasans Brandão da. *Cartografia de Canudos*. 2ed. Salvador: Assembleia Legislativa, 2015.

SOUZA, Lícia Soares de. A poética do ciclo canudiano. In: *O guardador de inutensílios*. Cadernos de cultura. Universidade Católica Dom Bosco. N. 7, Campo Grande: UCDB, 2004

VERÍSSIMO, José. Uma história dos sertões e da Campanha de Canudos (Os sertões, Campanha de Canudos por Euclides da Cunha, Laemmert & C., editores) In: FACIOLI, Valentim; NASCIMENTO, José Leonardo do (org.) *Juízes críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin; UNESP, 2003, p.46-54.

ZILLY, Berthold. Convivendo com os sertões – Experiências e reflexões de um estudioso alemão. In: *Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas: Fábrica de Letras/UNEB, 2011-*. il. 27,7 cm. v.12, n.2., jul.-dez. 2022. p. 29-59